

Sessão nº 23

Os Evangelhos canónicos - O Evangelho de João

1. Recordando as linhas essenciais do: Evangelho de João:

- Quem é o redator do Evangelho de João? É aceite que o redator de grande parte do Evangelho de João é o apóstolo João, irmão de Tiago, filho de Zebedeu. Mas uma grande dúvida surge: é o único Evangelho em que a comunidade referida no texto é ela própria colaboradora e redatora de forma muito ativa.

Exemplos:

Prólogo:

Jo 1, 14: “E a Palavra fez-se carne; estabeleceu a tenda entre nós e contemplámos a sua glória.”

Conversa com Nicodemos:

Jo 3, 11: ¹¹Ámen, ámen te digo: dizemos o que sabemos e damos testemunho do que vimos; mas não acolheis o nosso testemunho!

Segunda conclusão do Evangelho de João:

Jo 21, 24: ²⁴Este é o discípulo que dá testemunho destas coisas e que as escreveu, e sabemos que o seu testemunho é verdadeiro.

- Onde foi escrito? Tudo aponta para ter sido parte na Galileia e parte na Samaria.

- É um Evangelho não Sinótico - 21 Capítulos;

- Foi construído fora dos Sinóticos e, - “vendo” mais longe - leva-nos até Deus; É muitas vezes referido como o Evangelho que nos leva desde o “antes da hora” até “à hora”. Vemos isso nas diversas referências “ainda não chegou a hora” ... até ao momento em que Jesus se levanta da mesa para lavar os pés aos discípulos e diz “chegou a hora”. É um Evangelho de “um Jesus programado”. Uma catequese profunda sobre a sua missão para a construção do Reino de Deus.

- É um Evangelho onde Jesus “adora” conversar. Começa sempre em diálogo e termina em monólogo ensurdecedor. É um Jesus de catequeses;

- É o Evangelho dos Sinais. São 7, como não podia deixar de ser. **Nenhum destes sinais corresponde a factos históricos,** e isto é muito importante.

“Um sinal - do latim, signum (senha, sinal) e, do grego, sym-ballo (atirar juntas duas coisas, voltar a reuni-las, como sinal de reconhecimento, duas partes de uma mesma realidade que antes estavam separadas).

O sinal é uma coisa que vemos e nos leva a conhecer algo que não vemos: como, no fumo, a existência do fogo; pegadas, a passagem de um animal. Mas esta mediação, que dá a conhecer a realidade oculta, pode ter uma densidade muito variável: desde um mero sinal prático ou convencional (um sinal de trânsito que avisa a aproximação de uma curva) até um símbolo carregado de sentidos humanos (um bolo de aniversário) ou uma acção simbólica que, no contexto da celebração, comunica efectivamente a graça que significa (a imposição das mãos), ou uma pessoa, que é, ela própria, sinal e símbolo da salvação ou de uma realidade invisível (Cristo, sinal, imagem e simbolo de Deus).

Não são sinónimos os dois termos. Os sinais, sobretudo, dão a conhecer; os símbolos são mais densos de sentido, e tendem a criar comunhão: não só notificam, como também evocam e realizam. Os sinais não são da mesma natureza que o significado (o fumo, em relação ao fogo), enquanto que os símbolos, de alguma maneira, contêm a realidade que significam, tornam-na presente e põem-nos em relação com ela (a oferta, como sinal de amor). Todo o símbolo é sinal, mas nem todo o sinal é símbolo. A etimologia do símbolo indica a sua intenção: cada uma das duas partes que se juntam («sym-ballo») já contém a realidade, mas só quando estão juntas ou se recompõem – à maneira de um puzzle reconstruído – é que contêm a realidade completa. «A palavra symbolon significava a metade de um objecto partido (por exemplo, um selo), que se apresentava como um sinal de identificação. As duas partes eram justapostas para verificar a identidade do portador». Por isso, se chama «símbolo» ao Credo ou Profissão de Fé, ao conjunto dos diversos artigos da nossa fé.” - *José Aldazábal*

Dizíamos que são 7 os SINAIS no Evangelho de João:

- *As bodas de Caná;*

- *A cura do filho do funcionário real;*

- *A cura do paralítico junto à piscina de Betzatá;*

- *Jesus caminha sobre as águas;*

- *A mulher adúltera;*

- *A cura do cego de nascença;*

- A “ressurreição” de Lázaro (o sinal dos sinais).

- É um Evangelho “perfeito” em termos de catequese;

2. Situemos o Evangelho de João. (CEP – Os Quatro Evangelhos e os Salmos)

Os livros do NT foram escritos de acordo com as necessidades concretas da comunidade a que se destinavam. A finalidade do Quarto Evangelho é expressa na sua primeira conclusão: *Muitos outros sinais realizou Jesus diante dos seus discípulos, que não foram escritos neste livro. Mas estes foram escritos para que acrediteis que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, acreditando, tenhais vida no seu nome* (Jo 20,30s). Dirige-se, portanto, a cristãos com uma cristologia deficitária, cujos efeitos têm consequências na unidade da comunidade. Daí a exortação a *permanecer* em Jesus (ou seja, na cristologia tal como foi testemunhada e transmitida pelo Discípulo Amado: 8,31.39; 14,21.23s; 15,4-10) e no amor mútuo (13,34s; 15,12.17). Assim, o autor pretende não apenas relembrar a vida e o ministério de Jesus, já conhecidos, mas também iluminar a situação vital da comunidade, convidando-a a fortalecer a fé em Jesus, tal como a recebeu.

Trata-se de uma comunidade complexa, com problemas internos e externos. A nível externo: a expulsão de membros seus das sinagogas judaicas, resultante de conflitos locais com o judaísmo farisaico, dominante depois da destruição de Jerusalém no ano 70 (situação a que parece fazer referência a expressão *expulso da sinagoga* de 9,22; 12,42; 16,2). A nível interno: a constituição da comunidade por cristãos provenientes do mundo cultural tanto judaico como helenista (7,35; 12,20s), duas culturas com efeitos na compreensão da pessoa e mensagem de Jesus. Entre os de origem judaica, havia quem tivesse dificuldade em aceitar a pré-existência de Jesus e o discurso eucarístico (6,60-71; 8,31-59), e outros que, por medo, não testemunhavam a fé (os chamados cripto-cristãos: 12,42). Entre os de cultura grega, a influência de filosofias helenistas levava a que se acentuasse de tal forma a divindade de Jesus, que a sua natureza humana ficava diluída. A uns e outros o evangelista recorda que é necessário receber um Jesus *inteiro* (cf. 19,23.33.36), na sua condição humana e divina, como Messias e Filho de Deus (20,30s); só assim se poderá manter a unidade da comunidade, condição para se poder receber os dons salvíficos (o Espírito Santo, a vida divina, que, no Quarto Evangelho, corresponde à salvação).

O Quarto Evangelho regista uma alta cristologia, que apresenta Jesus não apenas como o Cristo no qual se cumprem as Escrituras, mas também e sobretudo como o Filho de Deus, que redimensiona todas as expectativas veterotestamentárias, assim como o tempo e os espaços sacros de Israel, o que é perceptível na própria estrutura do livro que apresentamos. Neste âmbito, este evangelho oferece-nos, ainda, o princípio de uma reflexão sobre o Espírito Santo e do seu papel na vida da Igreja.

3. Estilos teológico e catequético do Evangelho de João

in O tempo de Jesus

O mundo e as instituições judaicas

João Duarte Lourenço – 2020

(adaptação)

Começemos por dar dois significados do dicionário judaico:

Aggadah – Interpretação da Escritura em sentido exortativo e edificante, em ordem à implementação de formas de comportamento exemplar. Pode designar também o resultado desse procedimento exegético. Temos, como exemplo, a *Aggadah* de Páscoa.

Halakah – Interpretação da Escritura em sentido jurídico. Normativo, estabelecendo códigos e normas de orientação para os crentes.

Para além de Lucas, também o IV Evangelho é rico e está profundamente “adornado” de elementos de caráter *aggádico*, assumindo estas duas perspetivas: a reinterpretção de algumas figuras marcantes do AT, mormente do livro do Êxodo, como sejam Moisés, o Maná, o Deserto, a Serpente de bronze, etc., e também as configurações identitárias com que Jesus se apresenta e que retomam ‘topos’ (lugares teológicos do AT), como sejam: o Bom Pastor, as Bodas de Caná, o Isaac da *Aqedah* na paixão, o novo Jacob (e o seu poço), a figura de José, a videira, o cordeiro, etc. Algumas destas figuras tornaram-se marcantes na interpretação de Jesus e também na interpretação da comunidade acerca de Jesus. Podemos dizer que a própria comunidade das origens é também ela uma intérprete da Escritura, pois recria muitas das imagens com que virá a enriquecer a própria pessoa do mestre e muitos dos traços marcantes da sua mensagem.

No Evangelho de João podemos ainda redescobrir uma outra fonte aggádica, ou seja, uma outra forma de olhar a Escritura e reinterpretá-la a partir de Jesus. Trata-se dos milagres, os “*semeia*” que são tão específicos no IV Evangelho. Vários desses sinais retomam “sinais teológicos” do AT que agora são lidos em função de Jesus sob a perspectiva de temas teológicos. São vários os exemplos que S. João nos oferece: a Luz, a Água, o Pão, o Vinho novo, a Vida, o Jardim, etc. Todos estes temas, assim como outros, têm uma perspectiva motivadora e interpelativa, em que a abrangência destes tópicos confere a Jesus uma centralidade que vai muito para além dos parâmetros que a tradição judaica conferia à *Torah*. Há aqui, efetivamente, um amplo conjunto de interpelações que não passam por qualquer ritualismo nem por códigos normativos, mas sim por interpelações que rasgam novos horizontes e oferecem cenários diferentes daqueles que faziam parte do quotidiano da vivência judaica. O texto de Jo 3, encontro com Nicodemos (*Significa “vitória do povo”, “vitorioso”, “o que vence com o povo”, “o que conduz o povo à vitória”*), está igualmente construído a partir de um tema que era já comum ao judaísmo – nascer de novo – mas agora apresentado não como um regresso ao ritualismo da *Torah* nem às imersões dos banhos rituais, como era o caso de Qumran, mas sim à efusão do Espírito, do *Ruah Yahvé* que leva a um novo nascimento. Jesus não define qualquer código ou normas para Nicodemos seguir; apenas acolher o Espírito que “sopra onde quer”. Recorrendo aos seus diversos textos e episódios, podemos dizer que o IV Evangelho quase que desconhece a tradição normativa judaica da *halakah*, deixando-nos sim figurações e cenários que nos levam para novas perspectivas de aproximação a Jesus. Diferente o que acontece nos Evangelhos de Marcos e Mateus, particularmente o segundo, que nos apresentam nas suas páginas muito material de cariz *halákico*.

4. Estrutura e desenvolvimento do Evangelho de João. (CEP – Os Quatro Evangelhos e os Salmos)

Há várias notas no evangelho que permitem perceber duas grandes partes (1,19-12,50 e 13,1-20,29), precedidas de um prólogo hínico (1,1-18) e seguidas de uma primeira conclusão (20,30s) e de um epílogo (cap. 21,1-23) que inclui uma segunda conclusão (21,24s). A primeira parte abre com uma semana inaugural, que serve de prólogo narrativo, na medida em que apresenta a pessoa e a missão de Jesus (1,19-51; 2,1-12).

Na primeira conclusão faz-se referência à importância dos *sinais* e da sua relação com a fé em Jesus (20,30). Ora, a palavra *senal* aparece dezassete vezes, todas na primeira parte (com exceção da conclusão), e a sua relação com a fé dos discípulos em Jesus é assinalada logo em 2,11.23. Daí que se atribua à primeira parte o título de *Livro dos Sinais*. Nela é também anunciada a *hora* de Jesus, a hora da sua glorificação (2,4; 7,30; 8,20), e, a terminar, afirma-se que finalmente essa *hora chegou* (12,23.27), expressão que se repete no início da segunda parte e em que se revela tratar-se da *hora de passar deste mundo para o Pai* (13,1). Por isso, podemos intitular esta segunda parte (13-20) como *A hora da peregrinação gloriosa para o Pai*.

Esta divisão em dois blocos percebe-se ainda pelos *destinatários* dos discursos de Jesus: até final do cap. 12 o Senhor dirige-se ao mundo, aos judeus e à multidão; nos caps. 13-16 e 20-21 fala aos seus discípulos (e no cap. 17 fala dos discípulos ao Pai).

A *transição* entre as duas partes é feita em 11,1-12,50: o *Livro dos Sinais* termina com um balanço da vida pública de Jesus (12,37-43[44-50]), mas, ao mesmo tempo, abre o pórtico da segunda parte, com a peregrinação de Jesus para a celebração da Páscoa derradeira (que se prolonga até 19,42), viagem antecipada pela morte de Lázaro (11,1), tal como a sua ressurreição antecipa e ilumina a morte e ressurreição de Jesus.

O andamento da obra está pontuado pelas *quatro viagens de Jesus a Jerusalém* por ocasião das *festas judaicas*: em 2,13, para a primeira Páscoa; em 5,1, para a *festa* não identificada (provavelmente o Pentecostes, embora a questão introduzida seja a da festa semanal: o sábado); em 7,2, para os Tabernáculos e para a Dedicção/Consagração do Templo (na última, Jesus já se encontra em Jerusalém: 10,22); em 11,1ss, para a terceira Páscoa (viagem antecipada pela morte de Lázaro), festa novamente recordada em 11,55; 12,1 (onde começa uma cronologia: *seis dias antes da Páscoa*) e 13,1 (que inicia a segunda parte e cuja afirmação serve de enquadramento à *viagem* derradeira: *a hora de passar deste mundo para o Pai*). A segunda Páscoa (6,4) interrompe este esquema, visto que Jesus não se dirige a Jerusalém, mas profere o chamado discurso do *pão da vida*, anunciando que a sua carne e o seu sangue serão oferecidos como verdadeiras comida e bebida e, apresentando desta forma a chave hermenêutica em que a última Páscoa deve ser entendida. Esta ideia é reforçada pelo tema da realeza, que, rejeitada por Jesus depois da multiplicação dos pães (6,15), é solenemente afirmada na última Páscoa (18,37; 19,2-3.15.20-22).

Embora a Páscoa derradeira seja particularmente preparada e tudo pareça tender para ela, nada acontece nesse dia (Jesus está no sepulcro). A ênfase é colocada *no primeiro dia da semana*, que marca o ritmo narrativo de todo o cap. 20: a expressão enquadra a descoberta do sepulcro vazio, a aparição a Maria Madalena (20,1-10.11-18) e a aparição aos discípulos (20,19-23), que se repete oito dias depois, isto é, em cada domingo (20,24-29). Deste modo, o evangelista, depois de ter preparado o leitor para a festa da antiga Páscoa, acaba por lhe apresentar, com a sua típica ironia narrativa, uma *festa* completamente nova: a da presença do Ressuscitado na comunidade dos seus discípulos *no primeiro dia da*

semana, que, por isso, cedo passará a chamar-se *dia do Senhor* (Ap 1,10). Com a ressurreição de Jesus, o tempo entra na dimensão escatológica da nova criação.

Em 21,1ss acontece uma terceira e última aparição de Jesus aos discípulos. Depois da conclusão em 20,30s, trata-se de uma espécie de *epílogo*, sobre a presença do Ressuscitado na vida e missão da sua Igreja, um epílogo provavelmente acrescentado numa segunda edição do evangelho, mas presente em todos os textos que chegaram até nós.

5. Divisão e conteúdo do Evangelho de João (CEP – Os Quatro Evangelhos e os Salmos)

O Evangelho segundo S. João pode estruturar-se da seguinte forma:

Prólogo hínico (1,1-18)

Livro dos Sinais (1,19-12,50)

I. Prólogo narrativo: a semana inaugural

Apresentação da pessoa e da missão de Jesus (1,19-2,12)

II. Peregrinação para a primeira Páscoa (2,13-4,54)

III. Peregrinação para uma festa

O sábado, a festa semanal (5,1-47)

IV. A «não peregrinação» para a segunda Páscoa: o Pão da Vida (6,1-71)

V. Peregrinação para a Festa das Tendões e Festa da Dedicção do Templo (7,1-10,42)

– Festa das Tendões (7,1-10,21)

– Festa da Dedicção do Templo (10,22-42)

VI. Peregrinação para a terceira e derradeira Páscoa (11,1-12,50)

Secção de transição: a antecipação pela morte de Lázaro (11,1-12,36)

Conclusão do Livro dos Sinais: a incredulidade dos judeus (12,37-43.44-50)

Livro da hora da peregrinação gloriosa para o Pai (13,1-20,29)

Jesus e os discípulos: a última ceia (13-14; 15-17)

Paixão, morte e ressurreição (18,1-20,18)

Jesus e os discípulos: a comunidade dominical (20,19-29)

Conclusão (20,30s)

Epílogo: a presença do Ressuscitado na vida e missão da Igreja (21,1-23)

Segunda conclusão (21,24s)

Nota final:

Apoio ao texto a partir de “Os Quatro Evangelhos e os Salmos” (CEP), P. João Duarte Lourenço, Pope Godoy, P. Rui Santiago, Ariel Álvarez Valdés, D. António Couto.